

ARCOS DE VALDEVEZ (Comenda de Távora)

A Capela de São João Batista fica situada no lugar da Comenda da freguesia de Santa Maria de Távora, a sudoeste de Arcos de Valdevez, sede de concelho (Distrito de Viana do Castelo) do qual dista 6,5 km. Saindo de Arcos de Valdevez siga pela N202. Cerca de 2 km depois vire à esquerda em direção à EM523-4. A Capela encontra-se à sua esquerda.

Implantada em lugar isolado, numa espraiada veiga da margem direita do rio Lima, região em que o *habitat* se dispersa entre alvéolos e vales muito abertos cuja fertilidade dos solos favoreceu uma antiga e densa ocupação humana, dadas as características geomorfológicas e climáticas do Minho, a Capela de São João Batista da Comenda de Távora pertenceu à Ordem do Hospital, muito embora seja ainda obscura a data da sua fundação ou incorporação naquela ordem militar. A sua localização, próxima de duas vias medievais que de Ponte de Lima e de Ponte da Barca chegavam a Monção e à Galiza não terá sido alheia aos interesses da Ordem, como sugeriu Ricardo B. Silva.

Segundo Paula Pinto Costa, o avultado número de comendas da Ordem do Hospital, organizadas entre os séculos XII e XVI, cerca de cinquenta no Priorado de Portugal, espelha a dispersão patrimonial daquela ordem precocemente chegada ao condado portugalense, provavelmente na segunda década do século XII. A primeira referência a uma comenda hospitalária remonta a 1146 e diz respeito a Aboim da Nóbrega (Vila Verde, Braga), como esclarece a referida autora. Todavia, os interesses fundiários da ordem estavam também concentrados no interflúvio entre o Lima e o Minho. Como consequência da organização diocesana, cujas raízes remontam à época sueva, o território de Entre-Lima-e-Minho esteve durante mais de seis séculos sujeito à diocese de sé de Tui, situação que se manteve até 1381. Conforme a divisão administrativa eclesiástica de 599, a diocese tudense era então constituída pelos territórios compreendidos entre os rios Lima e Lérez com um total de dezassete paróquias, oito das quais na região de Entre-Lima-e-Minho. A presença nesta região, cuja fronteira política se encontra definida desde o século XII, da Ordem do Hospital está comprovada documentalmente desde meados do mesmo século. Os hospitalários eram detentores de propriedades na Terra de Valadares, composta por freguesias que atualmente pertencem aos concelhos de Monção e Melgaço, como esclareceu Ricardo B. Silva. Todavia, a evidência documental só dá conta da existência da comenda de Távora em meados do século XIII. Ricardo B. Silva conclui que a maior área de influência da ordem no território de Entre-Lima-e-Minho se situava nos atuais concelhos de Arcos de Valdevez, onde se implanta a Capela da Comenda, e de Monção, muito embora as Inquirições de 1258 e 1288 documentem a presença dos hospitalários em quase todos os concelhos do atual distrito de Viana do Castelo. A mais antiga referência documental relativa aos comendadores de Távora data de 1250-1251, testemunhando a presença de *Rodericus Martini comendator de tavara*. Segundo apurou Ricardo B. Silva é muito provável que tenha sido Rodrigo Martins o primeiro comendador desta célula administrativa.

Capela de São João Batista da Comenda

A CAPELA, ORIENTADA CANONICAMENTE, é construída em granito e aparelho pseudo-isódomo. O templo é composto por nave única e cabeceira retangulares, ambas cobertas por tetos de madeira. No extremo oriental

da fachada sul encosta-se uma outra capela dedicada a São Tomé. O alçado exterior da parede testeira da abside remata em empena de duas águas sendo o vão de iluminação, de secção retangular, claramente posterior à construção



Fachada oeste

românica. O muro sul encontra-se encoberto pela capela de São Tomé. O alçado norte apresenta um vão de iluminação da época moderna e uma cornija que se apoia sobre cachorros de proa. O alçado norte da nave é composto por um portal entaipado onde se recorta um arco de perfil quebrado, sendo rematado superiormente por cornija sobre cachorros de proa. Destaca-se o alçado sul pelo seu maior cuidado construtivo. É composto por um portal sem colunas, de arco quebrado e por um tímpano de decoração geométrica. No lintel figuram duas serpentes, incisas graficamente, de motivação apotropaica. Ao nível do topo superior deste portal restam mísulas que indiciam a existência de um alpendre. A fresta, ladeada por duas mísulas é de alargamento externo, sendo composta por um arco boleado que recebeu motivos fitomórficos, impostas e duas colunas. Um dos capitéis é vegetalista e o outro apresenta um ofídio entrelaçado. Nos fustes das colunas figuram dois personagens de fatura vernacular. Um deles segura um livro e o outro um rolo. Dada a presença destes atributos C. A. Ferreira de Almeida admitiu a hipótese de representarem

apóstolos. O alçado sul é rematado superiormente por cornija sobre cachorros de proa.

Na face externa da parede sul da nave conserva-se uma epígrafe datada de 1294, cuja leitura, da autoria de Mário Barroca, se apresenta:

E(ra) M CCC XXX II

Na mesma fachada consta uma outra epígrafe, à qual Mário Barroca atribui uma datação hipotética no século XIV, considerando que a inscrição poderá ser de função funerária:

(A)
JOHAM COR(r)EA
(B)
E(ra) M CCC [...]

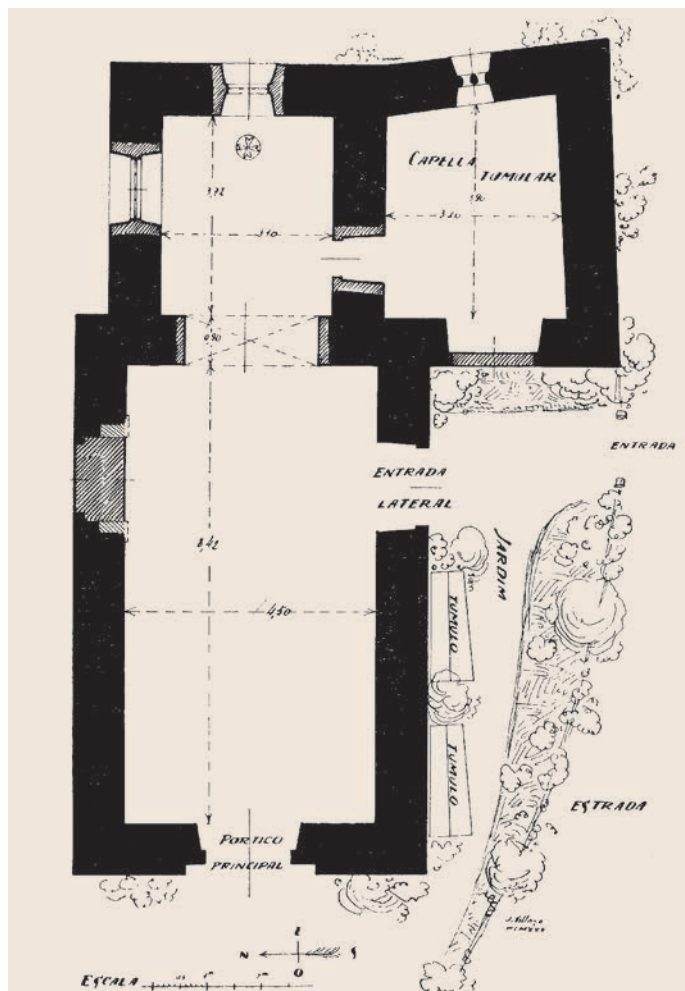
Todavia, esta epígrafe levanta algumas questões para as quais Mário Barroca chamou a atenção referindo que,



Fachada sul



*Vista geral
da igreja a
partir de este*



Planta do conjunto edificado segundo Manuel de Aguiar Barreiros

na paginação dos dois textos (A e B), “a profundidade dos traços e a própria configuração das letras levam-nos a crer que os dois letreiros devem ter sido concebidos como autónomos, correspondendo a dois momentos de gravação”. Segundo o citado autor “a inscrição (A) está gravada em letra gótica minúscula, enquanto que o texto (B) foi gravado com letras maiores, maiúsculas e de traço mais leve”.

Na fachada ocidental abre-se um portal sem colunas. De perfil ligeiramente quebrado, o arco envolvente descarrega sobre impostas e jambas. No tímpano, que se apoia em mísulas e apresenta motivos geométricos, conserva-se uma epígrafe datada de 14 de setembro de 1180, cuja leitura da autoria de Mário Barroca se apresenta:

[...] E [...] / E(ra) : M : CC : X : VIII : XVIII : K(a)L(e)ND(a)S :
O(c)T(o)BRIS : [...]

Sobre o portal abre-se uma estreita fresta, sendo a fachada coroada por uma sineira de dois vãos cuja base se encaixa na empena de duas águas.

No interior, pouco mais resta da igreja medieval do que os muros, a fresta que se abre na parede sul, e a fresta que está sobre o arco triunfal, uma vez que este arco corresponde a uma obra muito posterior. Segundo o relato de Félix Alves Pereira o arco foi reconstruído entre o final do século XIX e o início do século XX. A fresta do muro sul apresenta colunas, um capitel vegetalista e um outro que



Fachadas orientais da cabeceira da igreja e da capela de São Tomé



Tímpano do portal sul da igreja



Portal ocidental da igreja



Fresta da fachada sul da igreja

conjuga elementos fitomórficos com duas aves afrontadas na esquina do cesto.

O alçado do muro leste da capela de São Tomé que, como já foi referido se encosta ao extremo oriental da fachada sul da igreja, é composto por uma fresta mainelada sobre a qual pontua uma estrela vazada de seis pontas. A peça que serve de mainel apresenta uma decoração vegetalista. A sua largura demonstra que se trata de um elemento reaproveitado, provavelmente de uma construção anterior. Sobre a fresta foi colocado um friso, com moldura própria de cornija que, juntamente com o remate superior de duas águas, forma um frontão.

Na fachada lateral sul destacam-se os cachorros cujo recorte se aproxima dos cachorros utilizados em obras da época gótica ou mesmo quinhentistas. Na fachada principal abre-se um portal em arco ligeiramente quebrado, desprovido de colunas ou tímpano. Sobre o portal, uma pequena fresta, desalinhada relativamente ao vão de entrada, é mais um indício das reformulações ocorridas nesta parcela.

Gravada em dois silhares situados à direita do portal conserva-se uma epígrafe com a data de 1327, lida e transcrita por Mário Barroca:

ERA M CCC LXV

No interior da capela, na qual um vão da época moderna dá acesso à cabeceira da igreja, além dos muros e da fresta, nada mais se conserva da época medieval. Félix Alves Pereira cita uma visitação de 1687 onde se refere que dentro da capela havia sepulturas de comendadores.

A conjugação entre as características descritas e as datas das epígrafes da Capela de São João convoca um exercício de análise cronológica que coloca questões de complexa resolução. A ausência de colunas nos portais e a tipologia dos cachorros prismáticos indiciam uma cronologia do final do século XIII à qual corresponde a epígrafe de 1294, gravada na face exterior do muro sul da nave, que Mário Barroca considera poder estar relacionada com uma reforma arquitetónica do templo.



Interior da igreja. Perspetiva da cabeceira

No entanto, a forma dos cestos e a escultura dos capitéis da fresta da fachada sul, tanto no seu arranjo interno como externo, segue modelos difundidos já nas primeiras décadas do século XII. A epígrafe datada de 1180, gravada no tímpano do portal ocidental que, segundo Mário Barroca, deverá comemorar a dedicação do templo, muito embora seja de referir que C. A. Ferreira de Almeida a considera paleograficamente posterior, e as serpentes grafiticamente gravadas no portal sul, semelhantes às do portal ocidental da igreja de Sanfins de Friestas (Valença), construção datável dos meados do século XII, sugerem uma datação mais precoce. Todavia, a capela, quando apreciada no seu conjunto, não parece ser consentânea com uma cronologia tão recuada. A ausência do arco triunfal românico torna ainda mais complexo o exercício de determinar o ritmo construtivo deste templo, já que a comparação com monumentos similares da Ribeira Lima fica assim desprovida de uma parcela fundamental para uma aferição cronológica mais precisa.



Interior da igreja. Capitel da fresta da fachada sul da nave

Recordando que a mais antiga referência documental relativa aos comendadores de Távora remonta a 1250-1251, podemos colocar a hipótese de a capela ter sido construída ou melhor, reconstruída, no decorrer da segunda metade do século XIII, como parece indiciar a epígrafe do muro sul datada de 1294, embora o tímpano nos pareça mais antigo, provavelmente reaproveitado de uma pré-existência.

Todavia, o alçado da fachada ocidental aparenta ser posterior ao século XIII. Muito embora no tímpano se conserve a epígrafe datada de 14 de setembro de 1180, cremos que esta peça foi igualmente reaproveitada de uma construção anterior e que a fachada principal deverá ter sido refeita no século XIV. Assim o indica o alçado do portal e a proporção da sineira relativamente ao pé direito da fachada.

As pequenas construções românicas que se implantam ao longo das duas margens do Lima, como as capelas de Santa Eulália de Refóios de Lima (antiga igreja paroquial),

Santo Abdão da Correlhã e do Espírito Santo de Moreira de Lima, entre outras, acusam a longa diacronia da forma de românica de construir nesta região. Boa parte destes templos é já da época gótica embora na sua construção permaneçam soluções de aparência românica. No entanto, os alçados dos portais sem colunas, a utilização de cachorros lisos ou de cachorros de secção quadrangular cuja escultura ocupa a quase totalidade da peça e a presença de cornijas pouco profundas, configuram a persistência de soluções já muito repetidas e já muito afastadas das construções românicas do século XII ou do início do século XIII.

Demonstrativo de campanhas de obras muito distanciadas no tempo e também de um provável reaproveitamento de epígrafes do século XII, é o caso da igreja do antigo mosteiro beneditino de São Cláudio de Nogueira (Viana do Castelo), igualmente situado na margem direita do rio Lima. Uma epígrafe, gravada em silhar embutido na face exterior do muro norte da cabeceira, data de 1145. Conjugando a data da inscrição com a análise dos muros, dos cachorros e do arco triunfal, C. A. Ferreira de Almeida considera-a um dos mais arcaicos testemunhos do românico do Alto Minho. O alçado da fachada principal desta igreja é composto por portal sem colunas e três arquivoltas, apresentando uma decoração perlada unicamente na arquivolta interna. Durante as obras de restauro (1930-40) foi colocado um lintel liso sob o tímpano para substituir o original que se conserva dentro da igreja. Aguiar Barreiros, em publicação anterior ao restauro, refere que o lintel tinha uma inscrição. Neste lintel, que apesar de fragmentado está completo, foi gravada uma inscrição comemorativa da fundação da igreja, datada de 1183. Uma outra inscrição gravada em cinco silhares do umbral sul do portal axial, quando estes já integravam o umbral da porta, segundo Mário Barroca, comemora a sagração da igreja pelo bispo de Tui, D. Pedro Mendes, em 3 de janeiro de 1201. Todavia, o portal axial parece posterior a esta data já que a ausência de colunas e de arquivoltas com escultura é mais comum no século XIII já avançado e no século XIV. Muito embora a inscrição da sagração esteja na jamba do portal, o que parece indiciar não existir espaço para as colunas de um portal anterior, parece-nos ter havido uma recomposição do portal e de toda a fachada, provavelmente na época gótica, quando a cabeceira e a nave receberam alterações. A comparação entre este exemplar e a capela da Comenda



Cruz da empena no lado oriental da nave da igreja

de Távora destina-se a levantar hipóteses e a sublinhar a dificuldade em estabelecer cronologias quando abordamos o românico do Entre-Douro-e-Minho.

A capela de São Tomé, implantada a sul do templo de Távora dedicado a São João Batista, deverá datar do século XIV ou mesmo da centúria seguinte. Tanto a fresta mainelada como a dimensão das aduelas do portal e o pé-direito do mesmo, relativamente à fachada, apontam para aquela cronologia. A função funerária desta capela é sublinhada por Félix Alves Pereira, Aguiar Barreiros e C. A. Ferreira de Almeida.

Texto: LCR - Fotos: SVS/MLB

Bibliografia

- ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 40, 60-61, 65-66; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 92; BARREIROS, M.A., 1926, *passim*; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 84 (de 1145), Insc. n.º 166 (de 1180, setembro, 14), Insc. n.º 172 (de 1183), Insc. n.º 252 (de 1201, janeiro, 3), Insc. n.º 429 (de 1294), Insc. n.º 567 (de 1327), Insc. n.º 726 (do século [XIV]); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 100 (de 1145), Insc. n.º 188 (de 1180, setembro, 14), Insc. n.º 195 (de 1183); COSTA, P.P., 2009, pp. 14-15; PEREIRA, F.A., 1925-26, pp. 1-20; PEREIRA, F.A., 1930, pp. 1-51; SILVA, R.B., 2017a, pp. 142-144 e 150-151; SILVA, R.B., 2017b, p. 71.

